



ECONÔMICO
Valor
23/05/2007

Aos 50 anos, Lealtex diversifica oferta no seu tradicional balcão

Novembro de 1969. Brasil vive os anos de chumbo do regime militar implantado em 1964 e revigorado quase um ano antes pelo malfadado Ato Institucional nº 5 (AI-5). No centro de Niterói, então capital do Estado do Rio de Janeiro, uma multidão alheia aos porões do regime aguarda ansiosa a abertura das portas de uma nova loja de tecidos, a primeira das tradicionais Casas Lealtex, na cidade. A efeméride havia sido anunciada amplamente na TV Tupi, em que a empresa patrocinava nas tardes de sábado o concorrido "AP Show", programa de auditório comandado pelo famoso apresentador Aérton Perlingeiro.

Quase vira um caso de polícia! Portas abertas e a multidão tomou a loja de assalto. Rapidamente não havia espaço para ninguém se mexer. As portas foram cerradas e seguranças chamadas para organizar o acesso do público, majoritariamente feminino, em grupos ao longo do dia. Era meia-noite quando a portinhola se abriu para a saída da última cliente. Os estoques estavam praticamente esgotados. A Lealtex, que completou 50 anos anteontem, é hoje uma das últimas redes de lojas de tecidos interestaduais da região Sudeste, com 30 filiais espalhadas pelos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

Em uma realidade na qual comprar tecido para fazer roupa tornou-se algo quase anacrônico, ela teima em crescer. As vendas, em valor, aumentaram 20% em 2006 sobre 2005 e 15% nos quatro primeiros meses deste ano, segundo Guilherme Leal, 31, diretor Comercial da banda carioca do grupo. Ele é a terceira geração de gestores da Lealtex, neto de Ivan Dornellas

Leal, 81, autor do relato acima, um dos fundadores da rede e presidente da empresa carioca. A Lealtex não é uma empresa, é uma espécie de franquia informal em família, composta por cinco empresas que adotam a mesma marca fantasia e que operam em conjunto nas compras, gerando escala e barateando os custos. Comprar cada vez mais produtos da China tem sido outro caminho para cortar custos e alcançar os bolsos das classes C e D.

Valores? Segredo doméstico, na velha tradição dos empreendimentos familiares. Ivan Leal revela no máximo os Cr\$ 500 (cruzeiros antigos) pagos em 1954 por uma onça pintada que, enjaulada, passou a servir de "garota-propaganda" da então Casas Franklin, empresa-mãe da Lealtex, em Cachoeiro do Itapemirim, Espírito Santo. Antes de 1957, quando Adelino de Oliveira Netto e Ivan Leal deixaram a Franklin, onde eram empregados, e abriram a primeira Lealtex em Colatina (ES), a bichana mudou de dono e tor-

nou-se atração circense. Aos 91 anos, Adelino Netto está afastado dos negócios, mas seu filho João Batista Netto completa o triunvirato da gestão atual.

A Lealtex prosperou numa época em que comprar roupa pronta não era "in". Concorria com ícones do comércio varejista do país, ou do Rio, como as Casas Pernambucanas, Seda Moderna, Imperatriz das Sedas e Kallil M. Gebara. Nomes que desapareceram ou se reestruturaram com o progressivo domínio da confecção. A Franklin também sobreviveu, formando com a Lealtex um "pool" de compradores de quase 50 lojas. "Hoje, os alfaiates e costureiras são poucos e caros", lamenta Guilherme Leal.

Ainda assim, a Lealtex mantém suas lojas com as tradicionais bancadas cobertas de peças de tecidos. Os mais sofisticados, como casimira e tropical inglês, desapareceram. Mais comuns hoje são os tecidos sintéticos importados da China e, em retomada crescente, os de algodão. O espaço para os panos encolheu. De mais de 95% das lojas, respondem agora por menos de 50%, trocados por itens de decoração, cama, mesa e banho.

Com isso, as quantidades de tecidos também encolheram. Leal, o neto, avalia que os estoques das seis lojas e do depósito da empresa do Rio de Janeiro estão próximos a um milhão de metros de panos. Quando o grupo Matarazzo fechou as portas da sua indústria têxtil, em São Paulo, a Lealtex aproveitou a "queima" de estoques para arrematar de uma só vez um milhão de metros de panos exclusivamente da cor preta. Não duraram muito, garante Leal, o avô.

